ANO 20.º — TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 1940 — N.º 6465

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

No seu discurso de ontem, Mussolini declarou, com a sua habitual franqueza, exigir que o povo italiano conheça toda a verdade sobre o andamento das operações militares, de forma que nada fique no escuro.

Não lhe falta razão, pois que a mentira é o pior dos capitães.

Mussolini admite, em termos claros, que nas montanhas do Epiro, a guerra tem de ser lenta e dificil. Acomoda-se ao terreno a «Blitzkrieg», como aconselhava Napoleão.

—Tranquilo e seguro, digo-vos que esmagaremos a resistencia grega! Em dois ou doze meses, pouco importa.

Mussolini lamentou que os dirigentes do fascismo hajam afrouxado no seu zêlo, por andarem empenhados na luta. Promete reconduzí-los á sua cruzada de fé e entusiasmo, para que os tibios e os timidos sintam que a Patria tem de ser forte—na terra, no mar e no ar.

■

Existe em França o socorro nacional. O marechal Pétain dirigiu um apêlo ao país, a-fim-de que as dadivas, grandes ou pequenas, concorram para minorar uma situação que poderá ser tragica se não fôr suavizada, na medida do possivel.

—Começa o inverno. Será rude, rude para os prisioneiros de guerra, rude tambem para as populações civis cruelmente atribuladas pela guerra e suas consequencias. O nosso coração confrange-se, ao pensar nos sofrimentos de que uns e outros estão ameaçados. Mas não é bastante ter pena deles, porque é bem melhor ajudá-los e defendê-los contra os rigores do frio.

Eis um dos frutos da guerra—aumentar a dôr e a pobreza humanas. A França, país de vida facil e de ditos de espirito, sente que leva aos labios o seu calice de amarguras.

Quem não anda sujeito a privações e torturas?

A Inglaterra, que aguenta uma luta formidavel, faz do proprio sofrimento uma armadura.

E os outros povos vencidos?...

■

Num dos seus livros, Jacques Chardonne atribue a Pio X a seguinte frase, dita numa reunião de cardiais:

—A França será castigada, mas ha de ter a sua ressurreição.

Formulamos os mais sinceros votos para que assim seja. A França cai com os erros dos homens, mas levanta-se com as suas altas virtudes.

■

Está hoje averiguado que, quando Clemenceau tomou conta do poder, a-fim-de salvar a França, os medicos aconselharam-no a usar de prudencia, visto que a sua saude, assás abalada, não lhe consentia trabalhos pesados nem violentos.

—«Veremos...» disse o Tigre.

Pôs mãos á obra e o resultado excedeu a sua propria espectativa. Quando lhe preguntavam se sentia bem, respondia, risonho:

—Agora não tenho ocasião para pensar nisso!

Emquanto serviu a França, gozou da melhor saude.

■

Foi posto á venda o segundo milhar dos «Contos sem cotação», do sr. dr. Augusto Cunha. O autor, que é um espirito cintilante de humorista, vê assim consagrada uma das suas melhores obras, onde se reflecte um temperamento literario rico de observação, a um tempo ironico e sentimental, que encara a comedia da vida por um prisma de côres suaves e agradaveis.

GRANDE ACTIVIDADE DIPLOMATICA

Ribbentrop e Ciano partiram para Viena

onde chegam amanhã os dirigentes hungaros

SALZBURGO, 19. — Von Ribbentrop, ministro dos Negocios Estrangeiros do Reich, e o conde Ciano, ministro italiano dos Negocios Estrangeiros, chegarão hoje a Viena.—(D. N. B.).

BERLIM, 19. — A convite do governo do Reich, o presidente do Conselho hungaro, conde Teleki, e o ministro dos Negocios Estrangeiros hungaro, conde Czaky, chegarão amanhã a Viena.—(D. N. B.).

Suñer partiu para Espanha

SALZBURGO, 19 — O ministro espanhol dos Negocios Estrangeiros, Serrano Suñer, partiu esta manhã de Berchtesgaden, de regresso á Espanha.

Von Ribbentrop, ministro dos Negocios Estrangeiros do Reich, saudou-o na estação, onde tambem se encontrava o general Espinosa de los Monteros, embaixador da Espanha, em Berlim, assim como representantes do Estado, do partido e das forças armadas.—(D. N. B.).

Comentarios alemães

BERLIM, 19. — Sôbre as actuais conversações dos homens de Estado alemães, italiano e espanhois, o «Essener National Zeitung» observa que os ingleses compreendem bem que se está em via de formar uma coligação unicamente contra a Inglaterra. «O cêrco começou pelo encontro do Brenner. Depois disso percorreram-se já bastantes «étapes» e o curso dos acontecimentos atinge o seu auge, distinguindo-se já a perfeição nitida a que aspira a obra dos grandes politicos. O que as gerações passadas só podiam adquirir através de anos e de lustres em materia de relações politicas, o mundo actual pode consegui-lo, em algumas semanas, desde o nascimento da ideia até á sua realização completa. Uma nova semana de actividade começou. Não se deve esperar muito tempo até que novos frutos surjam dos esforços germano-italianos dirigidos para um fim definido». — (D. N. B.).

Os condes de Teleki e Czaki

A visita do rei Boris a Hitler

BERLIM, 19—O rei Boris da Bulgaria, que se encontra na Alemanha, em visita particular, visitou ontem o Fuehrer.—(D. N. B.).

BERLIM, 19.—Anuncia-se nos circulos politicos de Berlim que as conversações entre o rei Boris e o Fuehrer tambem versaram o problema da reorganização politica da Europa.—(D. N. B.).

A impressão em Sofia

SOFIA, 19.—A visita do rei Boris ao Fuehrer provocou aqui tanta surprêsa como satisfação. Em todos os circulos se vê na viagem do soberano mais uma expressão de solida amizade que liga os povos alemão e bulgaro. Nota-se que o encontro do rei com o chefe da Alemanha tem em conta a verdadeira mentalidade do povo bulgaro e realça a posição politica do país.—(D. N. B.).

A situação dos prisioneiros franceses

VICHY, 19.—Scapini, delegado do governo francês junto da Comissão do Armisticio, encarregado de tratar das questões que dizem respeito aos prisioneiros de guerra que se encontram internados, fez em Berlim uma declaração sobre o novo regime aplicado áqueles prisioneiros.

O referido delegado do governo francês tornou publico o protocolo pelo qual Hitler concede: Interrupção do cativeiro—como ferias—aos prisioneiros que tenham quatro filhos menores, pelo menos, nos casos em que se verifique a necessidade desta concessão para o efeito de remediar situação critica em que se encontre a familia. Identica concessão a prisioneiros que tenham quatro irmãos menores e cujo pai tenha falecido. Não se põem objecções á libertação dos 30.000 franceses que estão internados na Suiça.

Por outro lado, cada prisioneiro de guerra será autorizado a escrever, mensalmente, duas cartas e dois bilhetes especiais. Membros do serviço sanitario do exercito francês secundarão o serviço medico prestado aos prisioneiros de guerra. O pessoal sanitario francês, cujos serviços não sejam necessarios, será imediatamente repatriado.

Os prisioneiros de guerra serão, na medida do possivel, empregados em trabalhos que estejam em relação com a sua formação individual e a sua profissão civil anterior. Ajustar-se-á o respectivo salario ao trabalho efectuado e á natureza deste.—(Havas).

A João Venancio

Amigo:

Andei esta manhã a revolver velhos papeis esquecidos, desbotados, crendo encontrar no meio deles um pouco do muito que vivi, na hora divina em que tudo me parecia facil, porque a minha imaginação era fecunda, fertil em invenções. As cartas que guardo em muitos maços releio-as, de vez em quando, para me convencer de que, ao cabo de tantos anos, a nossa vida é a vida das nossas recordações—o sulco aberto na carne viva do coração que, como os pobres das estradas, busca uma esmola de amor.

Há coisas tão distantes, tão apagadas pelo tempo que, para as reconstituir, tenho de proceder a um delicadissimo trabalho, reunindo todos os fios quebrados que formaram uma linda colcha de seda—da epoca das naus.

Caiu-me debaixo dos olhos um papel azulado, leve e fino como a folha que se guarda na pagina dum livro, onde uma caligrafia caprichosa e ornada denunciava a mão que a traçou. Lá estava a preciosa assinatura—Luiz Anselmo dos Reis.

Lembras-te dele, não é verdade?

Raramente Coimbra conheceu, entre os seus escolares, rosto mais puro na expressão cismatica nem olhar mais enfeitiçado sob os supercicios bem arqueados, mas duma mortal pretidão que se destacava na alvura da pele, indicando quebranto e vocação para as penas que se não curam. Inaproveitavel para o estudo fôsse do que fôsse, pois, segundo ele dizia, apenas fitava a «sebenta», entrava em transe e delirava como a Sibila, mal o deus a movia a falar.

—Mas isso é prodigioso! exclamavas tu.

—Mais do que isso: é fulminante, carregava eu.

—«Decididamente, não nasci para doutor, mas sim para improvisar canções, na côrte dum rei mouro».

Cançava-se prontamente. Tudo lhe pesava—os livros, a noção do dever, as longas caminhadas e os poentes rubros e fatidicos.

—«Quando vejo que o sol se esconde, num alarido de côres, em berrante filarmonica, receio que o universo seja cenografia e da pior!».

O serão sacudia-o, despertava-o do seu torpor e incendia-o na construção da sua quimera—recolher elementos para um poema de morbidas tristezas, a soluçar nas musgosas janelas desconjuntadas, onde o luar punha um sopro de misterio e de além. Adorava a noite e as estrelas.

—«O calor, a luz, o rumor das frondes e a vibração ardente que agita a criação nas horas fecundas em que a materia impera e arde como um facho, deixam-me indiferente. As penumbras deliciam-me. A lua que os romanticos tornaram cumplice das suas orgias macabras é o astro da pureza. Porque não há-de a Universidade ser nocturna, claustral?»

O nosso saudoso amigo frequentou Direito três anos a fio, alheio á ciencia e ao trabalho, como Harum-al-Raschid, poeta voluptuoso de crueldade e de amor, aos fulgores da manhã.

—«Causa-me desprazer não chegar a formar-me, porque meu pai, honrado proprietario e notario em Trancoso, ficaria contente comigo. Mas a minha sina não favorece os projectos sensatos. O bom senso viola a mobilidade e a inconstancia do meu estro».

(Ver continuação na 7.ª pagina)